

“LÁ VEM A BARRA DO DIA”: UMA VIVÊNCIA NO ACAMPAMENTO JURUÁ MAKE DE LHÉ EM UMA ESCOLA INDÍGENA DE ALAGOAS

“LÁ VEM A BARRA DO DIA”: AN EXPERIENCE AT THE JURUÁ MAKE DE LHÉ CAMP IN AN INDIGENOUS SCHOOL IN ALAGOAS

Bruna Fernandes da Silva^{1*}

Resumo:

O presente trabalho busca apresentar uma experiência pedagógica na Escola Estadual Indígena Cacique Alfredo Celestino, localizada na Aldeia Serra do Capela no município de Palmeira dos Índios, Alagoas. A experiência sistematizada nesses escritos é o acampamento *Juruá Make de Ihé*, “o nascer do sol”, realizado com as crianças na instituição escolar desde o ano de 2018, sendo este artigo um recorte das edições de 2019 a 2021. Buscou-se analisar de que forma o acampamento vem atendendo ao que se propõe enquanto prática inovadora de educação, e particularmente uma prática de educação escolar indígena no estado de Alagoas. Esta pesquisa é de caráter qualitativo, pois no texto a intenção é refletir aspectos subjetivos de uma ação pedagógica na escola estudada e com a abordagem etnográfica que traz a prática etnográfica na pesquisa educacional, pois trata-se de um recorte centrado em uma etnia indígena do município de Palmeira dos Índios, Alagoas, nesse caso os Xukuru Kariri. O embasamento teórico está fundamentado nas contribuições de alguns autores, a exemplo de Ferreira (2016), que pesquisou a educação indígena Xukuru Kariri, sendo um importante no fazer da pesquisa. Já em relação aos aspectos de resistência dos povos campestres, buscamos as contribuições de Arroyo (1996), bem como os documentos oficiais que tratam da educação do campo e sua garantia no fazer pedagógico. A pesquisa apontou a inovação no tocante a proposta do acampamento no que diz respeito à construção do currículo, sobretudo partindo dos moldes da educação contextualizada e do campo.

Palavras-chave: Xukuru Kariri; educação escolar indígena; prática pedagógica; educação do campo.

¹ Universidade Estadual de Alagoas - UNEAL. *bruna.silva.pospropep@alunos.uneal.edu.br

Abstract:

The present work seeks to present a pedagogical experience at the Indigenous State School Cacique Alfredo Celestino, located in Aldeia Serra do Capela in the municipality of Palmeira dos Índios, Alagoas. The experience systematized in these writings is the Juruá Make de lhé camp “the sunrise” held with children in the school institution since 2018, this article being a clipping of the 2019 to 2021 editions. the camp has been meeting what it proposes as an innovative educational practice, and particularly an indigenous school education practice in the state of Alagoas. This research is of a qualitative nature, because in the text the intention is to reflect subjective aspects of a pedagogical action in the studied school and with the ethnographic approach that brings the ethnographic practice in educational research, since it is centered on an indigenous ethnic group from the municipality of Palmeira dos Índios, Alagoas, in this case the Xukuru Kariri. The theoretical basis is based on the contributions of some authors such as Ferreira (2016) who researched the Xukuru Kariri indigenous education, being an important part of the research, in relation to aspects of resistance of peasant peoples, we sought contributions from Arroyo (1996), as well as the official documents that deal with rural education and its guarantee in pedagogical practice. The research pointed to innovation regarding the proposal of the camp with regard to the construction of the curriculum, especially based on the molds of contextualized education and the field.

Keywords: Xukuru Kariri; indigenous school education; pedagogical practice; field education.

1. Introdução

As linhas traçadas nesses escritos pretendem construir uma conversação sobre uma possibilidade de educação diferenciada em uma escola rural com especificidades indígenas que compreende a instituição escolar como um espaço de poder, onde as histórias e identidades da cultura dos povos indígenas devem ser tratadas em diferentes concepções, valorizando tanto aspectos ancestrais quanto os saberes tradicionais.

Nessa perspectiva, enxergo uma ação pedagógica como prática educativa inovadora, pois realiza a ação, para em seguida refletir sobre o seu desempenho e potencial transformador e posteriormente edificar uma percepção nova da ação. Assim, o processo de aprendizagem traz ao centro do ciclo educativo a vida do sujeito e toda a sua teia de conhecimentos vividos. A educação, nesse tocante, torna-se o instrumento imprescindível para o processo de transformação individual e coletiva, o aprendizado interage e aglutina o saber que cada ser humano tem com seus saberes tradicionais e constrói o elo entre os conteúdos universais, onde o que se aprende deve-se sempre fazer sentido para quem está aprendendo fazendo esse intercâmbio de saberes.

Durante meu processo educativo trilhei o caminho da minha formação em meio às organizações do terceiro setor, nos movimentos sociais, Organizações Não Governamentais (ONG) e Comunidades dos Povos Tradicionais. A partir daí, pude

cursar Pedagogia pela Universidade Estadual de Alagoas – UNEAL, Campus Palmeira dos Índios, tendo concluído o curso no ano de 2016. Nesse sentido, minha concepção de educação sempre foi abrangente, por entender que dialogar sobre educação é compreender a formação humana no seu cotidiano vivencial como ponto de interseção para construção do conhecimento. Dessa forma, tive o interesse por pesquisar a ciência da educação nos seus diversos pontos de vistas integradores, e fazendo parte do corpo docente da Escola Estadual Indígena Cacique Alfredo Celestino, tenho percebido algumas construções educativas sobre as quais me disponho a escrever e refletir no recorte da educação campo.

As inspirações que nortearam este trabalho surgiram a partir da necessidade de sistematizar a vivência do Acampamento *Juruá Make de Ihé*, uma ação pedagógica que ocorre desde o ano 2018 na Escola Estadual Indígena Cacique Alfredo Celestino, como uma metodologia inovadora e vivencial, contextualizada na educação indígena realizado na Aldeia Serra do Capela do povo indígena Xukuru Kariri, localizada no município de Palmeira dos Índios, Alagoas. O acampamento envolve toda a comunidade escolar, desde professores, auxiliares e direção da escola, bem como os estudantes dos anos iniciais do Ensino Fundamental e dos anos finais, além do Ensino Médio, em dias consecutivos para cada momento.

A sala de aula, nesse sentido, é apenas um suporte de ensino e aprendizagem, onde a relação que se tem com a terra, com a natureza torna-se um local onde a aprendizagem circula de forma livre, seguindo métodos distintos e adequados a cada situação. Compreendemos o ambiente escolar como espaço formal da produção do conhecimento e a comunidade um grande e infinito laboratório, com o intuito de trazer para dentro da escola as vivências comunitárias, dessa forma transformando a educação formal ou escolar indígena em um processo de formação humana e transformação da realidade.

O percurso metodológico desta pesquisa se encontra alicerçado no método da etnografia, por trazer na escrita um grupo indígena da etnia Xukuru Kariri de Palmeira dos Índios, Alagoas, que no seu cotidiano enxerga a educação em vários aspectos da vida coletiva por outros ângulos. Nesse contexto, por se tratar de uma abordagem qualitativa, na qual procuro examinar uma experiência educativa na escola indígena, utilizei como ferramentas de coletas de dados as entrevistas semiestruturadas e a observação participante, tendo em vista que faço parte da equipe pedagógica da instituição escolar pesquisada.

Deste modo, busco analisar de que forma o acampamento vem atendendo ao que se propõe enquanto prática inovadora de educação na Escola Estadual Indígena Cacique Alfredo Celestino, sistematizando o acampamento *Juruá Make de Ihé* como uma experiência educativa no contexto da escola indígena e fazendo interseção com a educação do campo, que reflete toda a estrutura de diversidades culturais presente na vivência realizada na aldeia.

O trabalho se encontra organizado em três seções. Na primeira, procurei contextualizar e fundamentar a educação escolar indígena na perspectiva da educação do/no campo, bem como o objeto de pesquisa a partir da escolha do tema. Na segunda seção, trago a caracterização dos sujeitos da pesquisa, o grupo étnico, bem como a forma que se

organizam os processos educativos escolares. Na terceira seção, faço uma sistematização da experiência da escola com o acampamento.

2. Contextualização e bases que fundamentam a Educação Escolar Indígena na perspectiva da Educação do Campo

O percurso histórico da educação do campo demarca no seu cerne uma base legislativa e pedagógica que busca afirmar nos diversos espaços a sua existência como um lugar de construção de conhecimento com particularidades inerentes à realidade do/no campo. Isso se dá a partir dos documentos oficiais, a exemplo das Diretrizes Operacionais e das resoluções para as escolas do campo, concretizando o compromisso descrito nos aspectos identitários que edificam a educação do/no campo, nas diretrizes curriculares nacionais que englobam também a educação escolar indígena.

Logo, a proposta contempla as diversidades dos povos que constroem o mosaico dessa educação pautada nos movimentos sociais e demonstra as diversas faces da educação do/no campo, permitindo enxergar as pedagogias que são concebidas nas pluralidades. Ainda assim é importante destacar que se encontram presentes em cada canto que se dispõe estabelecer uma educação múltipla, a qual, a todo instante, é educativa e pedagógica na vivência com a terra, na concepção de território, de cultura, no aspecto social.

Nessa lógica, a educação escolar indígena é parte de uma dessas faces da educação do/no campo, uma vez que “...todos os gestos são educativos. Aqui se fala mais com os gestos do que com palavras. Isto é uma característica muito forte do movimento social do campo.” (ARROYO; FERNANDES, 1999, p.13). As vozes que expressam a multiplicidade do campo abrem uma reflexão sobre a educação escolar indígena que está fincada no seu território ancestral, unida aos movimentos que propõem uma educação contextualizada a sua realidade. Deste modo, desconsideramos um formato educativo que nos enxergue visando homogeneizar o nosso processo educativo, mas que colabore e construa junto uma mudança de paradigma no que concerne à formação humana dos sujeitos, vislumbrando um estilo pedagógico que não nos fragmente, mas que possua uma concepção do poder da educação transformadora com dimensão holística.

O campo é um organismo vivo pulsante para várias direções e a força criativa da educação do/no campo emana do ofício com a terra, onde sujeitos se dispõem a cuidar e produzir de maneira artesanal, no sentido mais literal da palavra, feito à mão germinando na completude.

Nessa dinâmica vivencial, dialógica e social, constitui-se um fazer pedagógico que movimenta e projeta outro modelo educativo ponderado nas questões sociais, culturais, econômicas, de gênero, democráticas e toda a diversidade presente no campo, como nos anuncia Arroyo; Fernandes (1999, p.14): “acreditamos que o próprio movimento social é educativo, forma novos valores, nova cultura, provoca processos em que desde a criança ao adulto, novos seres humanos vão se constituindo.”

57 "LÁ VEM A BARRA DO DIA": UMA VIVÊNCIA NO ACAMPAMENTO JURUÁ MAKE DE LHÉ EM UMA ESCOLA INDÍGENA DE ALAGOAS

Portanto, a educação é um dos sustentáculos do qual aspiramos a edificação de uma coletividade harmônica, com organismos funcionando sincronicamente para um bem viver equilibrado com a nossa natureza humana e todas as outras que habitam este planeta. Dessa forma, a educação do/no campo rompe com as cercas implantadas no pensamento análogo e descontextualizado imposto às populações do campo.

E mesmo nos territórios educativos nas escolas do campo, deve-se reparar, cuidadosamente, as diferenças que congregam e tornam-se os povos tradicionais do campo, onde:

Temos que ter sensibilidade para essa dinâmica social, educativa e cultural e perguntar-nos que novos sujeitos estão se constituindo, formando, que crianças, jovens, adultos, que mulheres, que professoras e professores, que lideranças, que relações sociais de trabalho, de propriedade, que valores estão sendo aprendidos nesse movimento e dinâmica social do campo. Foco do nosso olhar não pode ser somente a escola, o programa, o currículo, a metodologia, a titulação dos professores. Como educadores temos que olhar e entender como nesse movimento social vêm se formando, educando um novo homem, uma nova mulher, criança, jovem ou adulto. (ARROYO; FERNANDES, 1999, pp. 15-16).

Captar as ações pedagógicas intrínsecas que estão brotando no chão dos espaços rurais é perceber os pontos que se conectam com as experiências, as lutas, os anseios e as transformações pautadas em uma educação do/no campo como um direito das comunidades tradicionais que moram no campo, ou seja, os sujeitos de direito que se mantêm no seu lugar de resistência.

Contextualizar as bases que fundamentam a educação escolar indígena requer considerar cada história, cada luta, cada desejo, cada diferença, visto que essas disposições formam o indivíduo do campo. Reconhecê-lo e torná-lo ocupante do seu lugar no mundo nos faz assumir o nosso papel pedagógico de construtores, mediadores de histórias diferentes e diversas que temos nas escolas do/no campo.

E a educação escolar indígena apresenta-se como uma das direções que pulsa a educação do/no campo. A Resolução Normativa do Estado de Alagoas nº 040/2014 – CEE/AL vem estabelecendo todas as normas e diretrizes para a aplicabilidade, desenvolvimento e avaliação das propostas pedagógicas das escolas de educação básica no campo no estado de Alagoas.

Nesse sentido, uma ação pedagógica da educação do campo reflete toda a estrutura de diversidades culturais, identidades e memórias que permeiam o contexto das populações que estão inseridas nas comunidades rurais. Sendo assim, ponderar sobre os processos práticos educativos nas escolas indígenas é também compreender que temos uma realidade rural plural e diversa, pois naturalmente os espaços didáticos estão inseridos também nas aldeias que, por conseguinte, são localidades rurais.

A educação escolar indígena refere-se à formação escolar, de acordo com o Parecer nº 14/99 que trata das Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Escolar Indígena, desde a "imposição de modelos educacionais aos povos indígenas, através da dominação, da negação de identidades, da integração e da homogeneização cultural"

58 "LÁ VEM A BARRA DO DIA": UMA VIVÊNCIA NO ACAMPAMENTO JURUÁ MAKE DE LHÉ EM UMA ESCOLA INDÍGENA DE ALAGOAS

(BRASIL, 1999, p. 3) até os "modelos educacionais reivindicados pelos índios, dentro de paradigmas de pluralismo cultural e de respeito e valorização de identidades étnicas" (BRASIL, 1999, p. 3). No terreno educativo das comunidades indígenas, faz-se necessário considerar dois termos que são meios de construção de conhecimento na vivência cultural da aldeia, sendo eles, a educação indígena e a educação escolar indígena.

Na educação indígena, o saber é nato em cada sujeito histórico, que apoiado nos seus princípios identitários e culturais, é responsável por socializar o conhecimento passado de geração para geração, sendo o seu fio condutor o saber ancestral presente no modo de vida cotidiana da aldeia. Essa vivência para além das relações coletivas está também integrada com a natureza que circunda as comunidades dos povos indígenas. Costuma-se existir uma pedagogia organizativa própria nas aldeias, uma forma de ser, de ver e ocupar o mundo. Mesmo dialogando sobre os povos originários, há um fluxo diverso de saberes e vivências, uma cosmologia única para cada grupo que vai norteando a relação social, política, econômica e espiritual de determinado grupo.

Alguns mecanismos vinculados ao processo educativo emergido da vivência na aldeia são o elo entre os saberes ancestrais que não podem ser descaracterizados, mesmo no exercício de uma educação escolar adotada por uma comunidade.

E aqui chegamos no ponto que difere o aspecto escolar para os povos originários, pois o modelo de educação escolar foi ferramenta da colonização. No decorrer das lutas e movimentos organizados em oposição a essa maneira de apagar toda diversidade étnica que o país concebia, a escola foi sendo ressignificadas dentro das comunidades

Como meio para garantir acesso a conhecimentos gerais, sem precisar negar as especificidades culturais e a identidade daqueles grupos. Diferentes experiências surgiram em várias regiões do Brasil, construindo projetos educacionais específicos à realidade sociocultural e histórica de determinados grupos indígenas, praticando a interculturalidade e o bilinguismo e adequando-se ao projeto de futuro daqueles grupos (BRASIL, 1999, p.4).

Conforme as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Escolar Indígena, o processo educativo pautado pelos povos indígenas possibilita que eles mesmos sejam mantenedores da tradição cultural viva e presente na educação formal, na qual a instituição escolar deixa de ser um fator uniformizante e generalizante e passa a ser um espaço que constrói conhecimento, respeitando as diferenças sem segregar nenhum grupo étnico.

Em vista disso, é importante enfatizar que mesmo tratando de uma aldeia indígena, neste caso da etnia Xukuru Kariri, este trabalho faz o recorte da comunidade Aldeia Serra do Capela, tendo as outras comunidades suas formas e maneiras de efetivar as estruturas pedagógicas que organizam e delineiam o processo educativo de cada escola indígena.

3. Os Xukuru Kariri: aspectos educativos da Escola Estadual Indígena Cacique Alfredo Celestino

59 “LÁ VEM A BARRA DO DIA”: UMA VIVÊNCIA NO ACAMPAMENTO JURUÁ MAKE DE LHÉ EM UMA ESCOLA INDÍGENA DE ALAGOAS

A etnia Xucuru Kariri vive na terra indígena Xukuru Kariri no município de Palmeira dos Índios, região do Planalto da Borborema do estado de Alagoas, sendo seu perímetro urbano rodeado de serras. Saindo da capital, Maceió, seguindo a BR-316, à primeira vista quando nos dirigimos ao município de Palmeira dos Índios, vemos duas serras, sendo elas a do *Goitê* e a do Capela.

Posteriormente, com um olhar panorâmico, podemos visualizar a Serra do Candará e a cada subida vamos descortinando as outras, como a Serra da Boa Vista e a Serra dos Macacos, sendo a cidade delimitada por elevações. Estes espaços foram historicamente povoados por indígenas Xucuru Kariri, como descreve Soares e Peixoto (2017, p.279):

Em meados do século XVIII, as terras do Município constituíam-se de um aldeamento dos índios Xukuru, localizado entre matas, serras, brejos e palmeirais. Por isso, em apologia a abundância de Palmeiras e de seus primeiros habitantes, deu-se o nome da cidade; Palmeira dos Índios.

Em tempos remotos que contam a história do município e de seus habitantes, sempre houve a presença da população indígena. Logo, “o povoamento do município de Palmeira dos Índios teve uma relação direta com os povos indígenas habitantes na região (FERREIRA, 2016, p, 81)”. Quando emancipada, houve o crescimento urbano e catequizador com a presença de religiosos, que para além dos ensinamentos cristãos e doutrinários para as celebrações, também eram responsáveis pelo processo de alfabetização de alguns indígenas, tendo em vista que naquela época os povos tradicionais do campo no município não eram letrados, dessa maneira:

O conhecimento letrado, na perspectiva luso-brasileira, hierarquizava. Não seria diferente para os indígenas, aqueles que acessavam os conhecimentos por meio da escrita, estavam num grau superior aos demais. Status que produzia efeitos por incentivar distanciamentos entre os indígenas e qualquer outro trabalhador analfabeto no Município. Os títulos da Educação formal produziam hierarquia que se traduziam em poder. Portanto, na corrida para manter os territórios indígenas, a alfabetização aparecia como instrumento essencial, pois os indígenas com acesso à escola, mesmo os que passaram a viver na Vila/Cidade contribuíram para o fortalecimento político com os acirramentos entre fazendeiros ou posseiros nos anos de atuação do SPI¹. (FERREIRA, 2016, p.82).

A escola e a educação formal surgem para o povo Xucuru Kariri como símbolo de resistência e autonomia para lutar e permanecer em seu território tradicional, pois tornou-se uma ferramenta política para inserção dos indígenas na sua conquista de direitos, nesse caso a terra. Vale reforçar que mesmo a educação formal servindo como dispositivo social de enfrentamento, houve também perdas para os indígenas dessa região, como seu dialeto e alguns ritos religiosos, justamente por essa estrutura homogeneizante que a educação formal vai implantando desde essa época.

O pensamento sobre o processo de alfabetização para os indígenas em Palmeira dos Índios, Alagoas, sempre esteve ligado, de certa forma, a um grupo de vigários que exerciam a função de coordenar e executar o papel de professores do mundo letrado, repercutido nesse período de emancipação do município.

60 **“LÁ VEM A BARRA DO DIA”: UMA VIVÊNCIA NO ACAMPAMENTO JURUÁ MAKE DE LHÉ EM UMA ESCOLA INDÍGENA DE ALAGOAS**

Os Xucuru Kariri neste recorte histórico, se viram diante de uma conjuntura complexa, no ponto que precisariam “apreender as formas de controle dos brancos” (FERREIRA, 2016, p.86), sendo a escolarização um mecanismo de poder para pleitear os seus direitos de viver no seu território tradicional.

Nessa lógica, a proposta pedagógica que se apresentava a esse período não comportava a dinâmica singular vivenciada pela comunidade indígena, verificando-se uma diminuição gradativa de presença dos sujeitos envolvidos, conforme sintetiza Ferreira (2016, p.104),

[...]o SPI² não tinha uma proposta educacional adequada para a situação local, o que se perpetuou por todo período de atuação do órgão. Os indígenas ausentavam-se da escola durante os períodos de plantio e colheitas, correspondente aos meses de junho, julho e agosto, mas também durante os rituais do Ouricuri em janeiro/fevereiro e em outras datas que lhes eram convenientes. A escola era “exigida” pelo cumprimento do calendário com os dias letivos anualmente, porém a dinâmica da vida indígena em um espaço rural que seguia o curso e o ciclo da Natureza para produção agropecuária imbricava-se com as exigências da vida “civilizada”.

Percebe-se que no contexto pedagógico vivenciado neste período não havia nenhum tipo de adaptação para os/as estudantes indígenas que ali desencadeavam sua inserção no mundo letrado.

Atualmente, alcançando as estruturas educacionais que temos nas aldeias do Povo Xukuru Kariri, dispomos de seis Escolas Estaduais Indígenas inseridas em seis comunidades indígenas de Palmeira dos Índios, Alagoas, sendo elas a E. E. I. Pajé Miguel Celestino, na Aldeia Fazenda Canto, a E. E. I. Mata da Cafurna, na Aldeia Mata da Cafurna, a E. E. I. José Gomes Celestino, na Aldeia Boqueirão, a E. E. I. Balbino Ferreira, na Aldeia Serra do Amaro, E. E. I. Xucuru-KaririYapi-Leanawã, na Aldeia do Coité a E.

E. I. Cacique Alfredo Celestino, na Aldeia Serra do Capela. Todas estão vinculadas na 3ª Gerência Regional de Educação, da Secretaria de Estado da Educação de Alagoas – SEDUC, devido à estadualização da educação escolar indígena em Alagoas.

A Escola Estadual Indígena Cacique Alfredo Celestino, a qual é objeto do presente estudo, tem o prédio localizado nas dependências das lideranças da comunidade, ofertando ensino educação infantil, Ensino Fundamental, anos iniciais e anos finais, Ensino Médio, regular e Educação de Jovens e Adultos – EJA. O corpo discente da instituição é constituído, predominantemente, por indígenas das aldeias nos arredores, no entanto é uma escola aberta para os estudantes não indígenas que residem nos bairros periféricos circunvizinhos.

Os pilares que sustentam a base da educação na Escola Estadual Indígena Cacique Alfredo Celestino são ponderados na concepção abrangente na qual a educação é o fio condutor na construção das identidades dos povos tradicionais, dialogando sobre as singularidades que nos une em benefício da vivência sociocultural estratégica. Visto

² Serviço de Proteção aos Índios – SPI.

61 "LÁ VEM A BARRA DO DIA": UMA VIVÊNCIA NO ACAMPAMENTO JURUÁ MAKE DE LHÉ EM UMA ESCOLA INDÍGENA DE ALAGOAS

que, através da relação dialógica para com os outros, edificaremos uma ação pedagógica de emancipação e cidadania dos sujeitos sociais.

O projeto político pedagógico pensando para nortear a prática educativa proposta na Escola Estadual Indígena Cacique Alfredo Celestino indica um caminho baseado na realidade vivenciada na aldeia Serra do Capela fazendo interseção com os conhecimentos e conteúdos escolares, mais a experiência cultural herdada dos seus pares, buscando garantir uma educação diferenciada para seu povo.

Deste modo, os recursos didáticos utilizados para o processo de ensino e aprendizagem empenham-se em construir vínculos com os sujeitos educativos capazes de refletir a partir de sua interação, primeiramente, na sua comunidade, ocupando o seu espaço, para em seguida construir os caminhos de aprendizagens que fortalecem os compromissos sociais, culturais e educativos com os interesses reais do bem comum nos espaços habitados.

Nessa perspectiva, as ações pedagógicas desenvolvidas na escola estimulam e planejam metodologias de ensino ativas, em que:

A aprendizagem é mais significativa quando motivamos os alunos intimamente, quando eles acham sentido nas atividades que propomos, quando consultamos suas motivações profundas, quando se engajam em projetos em que trazem contribuições, quando há diálogo sobre as atividades e a forma de realizá-las. (MORAN, 2018, p.1)

Essa interação com a vivência indígena da Aldeia Serra do Capela com a formação integral escolar, formando cidadãos críticos, reflexivos, flexíveis e criativos nas suas singularidades. Assim, a proposta do Acampamento *Juruá Make de Lhé* é constituir um instrumento pedagógico na educação escolar indígena que busca inovar os mecanismos de aprendizagens, possibilitando desta maneira uma convivência criativa, humanizada, transformadora e cultural integrada a conjuntura na qual estão inseridos.

4. Fundamentação dos acampamentos escolares e a vivência Indígena Xucuru Kariri

A prática de acampar é uma realização tão antiga quanto à própria existência humana que nos faz rememorar as peregrinações dos povos pré-históricos. Outros tantos ligam especificamente a vida indígena nas comunidades e aldeias de outrora que se deslocavam para outras localidades à procura de lugares com abundância em água.

Desde tempos remotos os povos que não tinham moradas fixas em um determinado lugar, desta maneira viviam a caminhar por entre trilhas, estradas e veredas. Esses coletivos de indivíduos construíram um feitiço específico para a sua habitação, os acampamentos, que nessa época não tinham esse nome, mas as estruturas de moradia temporária e as vestimentas eram bastante parecidas. A exemplo disso, temos os povos ciganos e os nômades.

62 **“LÁ VEM A BARRA DO DIA”: UMA VIVÊNCIA NO ACAMPAMENTO JURUÁ MAKE DE LHÉ EM UMA ESCOLA INDÍGENA DE ALAGOAS**

Logo, o ato de acampar precede junto com os tempos pré-históricos da humanidade, onde grupos migrantes se deslocavam para diversas regiões em busca da sobrevivência, como escreve Filho (2003, p.5):

Alguns autores referem-se ao acampar como uma atividade tão antiga quanto o próprio homem e relembram as divagações dos filhos de Israel; ou Atenas e Esparta no campo educando os jovens. Outros tantos ligam especificamente a vida indígena, a tradição pioneira.

Ao longo dos anos, os acampamentos foram tornando-se uma experiência sistemática proporcionadora de vivências criativas, educativas e recreativas em contato com a natureza. Nessa perspectiva surgem os acampamentos organizados que pretendem aproximar toda a vivência e aprendizado coletivos experienciados no campo, transformando-os em uma atividade recreativa para crianças, jovens e adultos. Ainda sem um objetivo educativo, essas atividades já demonstravam uma consistência no impacto que sucedia na vida dos jovens que participavam.

No Brasil não se tem muitos dados referenciais a respeito do surgimento dos primeiros acampamentos, o que se pode afirmar é a origem de uma primeira experiência em meados da década de 1950 com proposições educativas,

O primeiro acampamento totalmente brasileiro surgiria apenas em 1953, com objetivo de proporcionar lazer e educação a crianças e jovens em seus períodos de férias. Criado por um profissional da área da educação, o “Acampamento Nosso Recanto” surgia com essa ideia pioneira de realizar, nos períodos de férias, atividades esportivas e educativas de modo a dar uma continuidade ao trabalho realizado nas escolas, ensinando mais sobre vida em comunidade e respeito ao próximo. (FILHO, 2003, p. 16).

No exemplo acima, a metodologia esteve organizada em colônia de férias com atividade de caráter esportivo que integrasse as equipes de participantes e entretece os jovens reforçando os aprendizados iniciados nas escolas. Observa-se nesse formato de metodologia que as atividades paradidáticas exercem a função de desenvolver a capacidade de tornar os jovens, adultos e crianças conscientes do seu papel na vida em comunidade, aguçando e aprimorando suas potencialidades físicas, intelectuais, psicológicas e sociais. À vista disso,

Os acampamentos começaram a se profissionalizar e trabalhar bastante seu atendimento e formas diferentes de receber pessoas em seus espaços para diversas atividades como: estudos do meio, acampamentos de integração, acampamentos temáticos culturais e outros. (FILHO, 2003, p. 23).

Atualmente existe uma associação de instituições que trabalham com acampamentos educativos, Associação Brasileira de Acampamentos Educativos – ABAE, com o intuito de organizar e agrupar os seguimentos que empreendem na linha da experiência educativa dentro dos acampamentos. De forma institucionalizada, conseguem apoio e parcerias juntos aos órgãos estatais que dialogam com esta vertente de grupos.

A importância desses eventos para a sociedade não se limita necessariamente ao campo do turismo, mas também na área da educação, da agroecologia, das artes, do esporte, entre outras áreas que também podem ser inseridas nesse contexto.

63 "LÁ VEM A BARRA DO DIA": UMA VIVÊNCIA NO ACAMPAMENTO JURUÁ MAKE DE LHÉ EM UMA ESCOLA INDÍGENA DE ALAGOAS

Esse olhar panorâmico dos acampamentos educativos no Brasil reflete o fazer metodológico a que se propõe o Acampamento *Juruá Make de Ihé*, por exigir dos participantes, organizadores e parceiros uma movimentação interna e externa no sentido amplo das aprendizagens. Trazer essa análise para a vivência na Aldeia Serra do Capela é fundamental para rememorar as contribuições da educação indígena que transcende as paredes, prédios e sua estrutura tradicional de escola.

O saber parte das histórias plantadas no chão ancestral, revelando traços de uma educação popular, emergida do povo indígena, motivadora, a qual abre as portas da comunidade para construir juntos uma escola indígena que enxerga todo sujeito histórico, social, consciente e responsável pela coletividade e pela natureza.

O processo educativo no acampamento perpassa pelo caminho da construção da identidade da Escola Estadual Indígena Cacique Alfredo Celestino, incorporando nas metodologias de ensino uma vivência principiante e inovadora, por transformar o seu cotidiano na aldeia em um procedimento didático para a realidade local dos estudantes.

2.1. O ACAMPA *JURUÁ MAKE DE LHE*: Nascer do sol com as crianças no calendário da escola

Neste ponto, mostrarei a sistematização da experiência do Acampa *Juruá Make de Ihé*, uma ação pedagógica que costura a história identitária da escola, a vivência partilhada entre os pares e o processo de ensino e aprendizagem que perpassa o caminho da estruturação dessa narrativa. Utilizo aqui a sistematização como uma ferramenta de reflexão do objeto de investigação e a técnica de registrar em letras uma atividade educativa para edificar-se como uma metodologia aplicável na educação formal na escola do campo.

Desta forma, de acordo com Falkembech (2000, p.15) o conceito de sistematização nos processos educativos e formativos como expressão coletiva é:

Um instrumento; uma possibilidade; ferramenta apropriada e aprovável para a recuperação e reflexão do viver compartilhado; que faz deste viver, objeto de investigação; espaço de discussão e aprendizagem; e produção de conhecimento que se apoia no confronto de argumentos que as experiências do viver sustentam e dialetizam.

Nesta perspectiva, a Escola Estadual Indígena Cacique Alfredo Celestino revela a sua prática refletindo e dialogando com a ideia que foi construída coletivamente no ambiente escolar, em que vem realizando há três anos consecutivos, desde 2018, a experiência do "Acampa *Juruá Make de Ihé*".

A ideia do acampamento surge com objetivo de promover uma noite especial com as crianças dos anos iniciais do ensino fundamental, entreposta com as vivências da Aldeia Serra do Capela e como é cativada pela vista do nascer do sol na comunidade. A simples noite tornou-se *Acampa Juruá Make de Ihé*, que no dialeto indígena Macro Jê quer dizer "nascer do sol com as crianças".

64 "LÁ VEM A BARRA DO DIA": UMA VIVÊNCIA NO ACAMPAMENTO JURUÁ MAKE DE LHÉ EM UMA ESCOLA INDÍGENA DE ALAGOAS

Ponderando a coerência entre o que se pretende ensinar aos estudantes e o que se oferta, a equipe pedagógica percebeu que nessa ideia poderia fundamentar uma formação rodeada de descobertas, de desejos, de vivências, com certeza de que a sala de aula é apenas um suporte de ensino/aprendizagem, a relação que se tem com a terra, a natureza é um local onde circula aprendizagem e transforma a educação formal em processo de formação humana, não somente buscando conteúdo em livros. Em entrevista realizada com a gestora da Escola, a mesma afirma que "O acampa Juruá make de lhe ele tem características de uma ação pedagógica, porque na verdade ele... tá levando em consideração a dinâmica e a cultura dentro da comunidade escolar, até porque nós somos de uma comunidade escolar indígena e trazendo esses princípios pra que a gente possa tá modificando, né? O nosso trabalho, a nossa grade curricular trazendo as nossas especificidades dentro da nossa grade curricular então a partir do momento que a gente transforma o acampamento em uma atividade educativa... a gente afirma na vivência que o acampamento tem uma função pedagógica, né? Pra dentro de uma escola ele tá se tornando sim, porque a gente não tá só trazendo as brincadeiras, a gente tá trazendo as nossas tradições culturais indígenas também, dentro dele... então... e principalmente fazendo uma junção, entre o povo indígena e o povo não indígena porque nós também temos alunos indígenas, então a gente tá fazendo com que os alunos não indígenas comecem a entender o porquê a gente fala da natureza, porque a gente fala da conexão com a natureza, então é partir daí que nós estamos trabalhando o diferencial e colocando em mente que trata-se de um metodologia de formação." (GESTORA DA ESCOLA, 2022).

A construção do saber se dá onde a vida e os saberes pulsam na sala de aula e na aldeia, fazendo com que os/as alunos/as aprendam se comprometendo com esta construção de conhecimento e os professores/as sejam os facilitadores desse processo.

Desta maneira, o grupo de trabalho da instituição que produz a ação constatou a relevância da realização periódica do acampamento, pois os/as próprios/as alunos/as requerem a realização da vivência, como coloca a aluna GM, de 14 anos:

"O acampamento pra mim é tipo uma coisa que... Nós ficamos esperando o ano todo... porque nós estamos em sala de aula, estamos estudando e tudo mais... O acampamento é tipo um momento que a gente pode se conhecer melhor, ter uma conversa sobre outros assuntos e tal... se reunir conhecer mais o outro e tal... eu acho bom quando tem isso que gente vem... Tipo fazer uma coisa nova diferente e a gente acaba tipo juntando mais se unindo mais é isso que passa." (ALUNA, 2022).

Atualmente, pretende-se ampliar a experiência para as outras etapas do ensino básico da escola, levando em consideração que a primeira realização foi com os anos iniciais, no entanto, por compreender a magnitude que é trabalhar a socialização, a superação de desafios, a habilidade de liderança, a prática de atividades físicas e o respeito à natureza são pilares de uma educação pautada na vivência indígena para com todos que fazem parte da escola, desde funcionários, estudantes e a própria comunidade indígena. É importante frisar que a participação de jovens e crianças em acampamentos ajuda no desenvolvimento da inteligência emocional, trabalhando a independência, a autoconfiança, a vida em comunidade, a capacidade de comunicação

65 “LÁ VEM A BARRA DO DIA”: UMA VIVÊNCIA NO ACAMPAMENTO JURUÁ MAKE DE LHÉ EM UMA ESCOLA INDÍGENA DE ALAGOAS

e habilidades esportivas e culturais, contribuindo para a construção de um sujeito emancipado.

Com essa ideia pretende-se estruturar uma proposta fundamentada nos vínculos afetivos com a comunidade, com a natureza, alicerçada na educação contextualizada e sustentável, que tem como diferencial a realização de atividades que visam promover o conhecimento e a vivência com o meio ambiente, na realidade indígena, onde está inserida a escola.

2.2. A noite chegou... Como acontece?

O Acampamento *Juruá Make de Ihé* tem duração de dois dias, sendo um dia direcionado aos estudantes da educação infantil e anos iniciais e o outro dia direcionado aos anos finais e médio. A preparação do acampamento inicia-se alguns dias antes com a organização do espaço, preparação da trilha na comunidade, construção da programação e circuito de atividades físicas.

Todo o espaço do acampamento escolhido é visitado anteriormente pela equipe do projeto para verificar e garantir as condições para a sua realização. A atividade acontece sempre na aldeia e as modificações ocorrem no percurso das trilhas.

Figura 1 – Equipe da turma do 6º ano (Equipe Arara)



Fonte: Arquivo fotográfico da Escola Estadual Indígena Cacique Alfredo Celestino, edição 2021.

As equipes são divididas antes do dia do acampamento, cada sala recebe um animal como símbolo que representará as equipes para que coletivamente construam o grito de ordem e os estandartes de apresentação e desfile. Os/as alunos/as são recebidos/as no fim da tarde, com acolhida dos participantes e jantar. Nesse momento, cada participante organiza o seu material nas salas disponibilizadas para guardar os pertences particulares. Em seguida, é realizada a entrega dos lenços/bandanas de identificação das equipes (raposa, formiga, cobra, ganso, tatu, arara, carcará). É importante ressaltar que essas equipes levam o nome de animais que estão presentes na fauna da região agreste.

66 “LÁ VEM A BARRA DO DIA”: UMA VIVÊNCIA NO ACAMPAMENTO JURUÁ MAKE DE LHÉ EM UMA ESCOLA INDÍGENA DE ALAGOAS

Depois da divisão das equipes, os/as alunos/as são convidados a apresentarem os seus estandartes e cantarem os seus gritos de ordem. Dando continuidade à programação, a abertura oficial se dá com apresentação cultural do toré Xukuru Kariri, onde todos são convidados a vivenciar a experiência. Em seguida, são realizados alguns jogos de integração das equipes e dinâmicas socioemocionais, organizados pela equipe pedagógica.

Depois é iniciado o circuito de atividade física, as equipes se dividem com os participantes de acordo com suas habilidades para cada jogo. O circuito é disposto com 10 jogos, com algumas modalidades dos jogos indígenas. Algumas habilidades desenvolvidas pelos participantes são: senso coletivo, pensamento lógico e habilidade de corrida, estimulando estes a pensar e a criar a partir dos espaços produzidos pela natureza.

Figura 2 – Circuito dos jogos



Fonte: Arquivos fotográficos da Escola Estadual Indígena Cacique Alfredo Celestino, edição 2021.

Terminado o circuito de atividade física, são contabilizados os pontos que cada equipe conseguiu fazer pela participação e se conseguiram terminar todas as atividades. A meia noite, é encaminhada para iniciar a trilha pedagógica. A trilha é organizada na metodologia de caça ao tesouro, durante o percurso são colocadas charadas para que os participantes desvendem para encontrar o baú. Quando encontrado o baú, o prêmio é dividido coletivamente.

Figura 3 – Roda de contação de histórias.



Fonte: Acervo pessoal da gestora da Escola Cacique Alfredo Celestino, edição 2020.

Na volta é servido um lanche e os/as alunos/as são direcionados/as para a roda de contação de história, onde é acesa a fogueira e cada um(a) pode partilhar os mitos e histórias. Depois, as crianças são direcionadas para as oficinas livres, como exibição de filmes e rodas de conversa, luau com música, esporte, pintura indígena, entre outras. Pela manhã os participantes organizam seu material pessoal, tomam café da manhã e são liberados.

Figura 4 –Vista do amanhecer da Aldeia Serra do Capela.



Fonte: Arquivos fotográficos da Escola

Considerações Finais

Diante do que pude perceber, vivenciar e sistematizar, o acampamento tem possibilidade de ser uma ação pedagógica inovadora no currículo da Escola Estadual Indígena Cacique Alfredo e um modelo a se pensar nos moldes de educação contextualizada e do campo.

Enquanto pesquisadora, tive a oportunidade de participar da vivência do Acampa *Juruá*

Make de lhé na Escola Estadual Indígena Cacique Alfredo e desde o primeiro momento pude perceber com os olhos encantados, o quanto pode germinar e florir a proposta de um acampamento educativo em uma escola indígena de Palmeira dos Índios, Alagoas.

Portanto, considerar toda essa idealização concreta requer transpor as paredes e muros que pensam a educação de forma unilateral. A abordagem da aprendizagem significativa crítica se opõe à aprendizagem mecânica e tradicional, quando a mesma não fomenta a reflexão crítica sobre a realidade, colocando o(a) educando(a) como espectador que só assiste a sua realidade. Dessa forma, a aprendizagem significativa possibilita o diálogo e a reflexão sobre toda a estrutura vivenciada pelo sujeito que até então, não dominava a leitura da palavra, porém já experienciava a sua realidade. Nessa análise, o acampamento parte de uma vivência da Aldeia Serra do Capela e passa a integrar a prática pedagógica da escola como fio condutor no processo de ensino e aprendizagem.

Assim sendo, minha proposta de intervenção para a Escola Estadual Indígena Cacique Alfredo Celestino é inserir o acampamento como uma ação pedagógica contextualizada no Projeto Político Pedagógico – PPP. Esse processo será realizado em três módulos formativos com a equipe docente e equipe diretiva da instituição. No módulo um será realizada a oficina de reelaboração com a equipe diretiva.

No segundo módulo, será realizado com a equipe dos/as professores/as um momento para estudo dirigido, com o objetivo de analisar por partes o projeto político pedagógico e apresentar a escrita sobre o acampamento para socialização e outras contribuições. No terceiro módulo, a equipe diretiva e o grupo de professores/as irão inserir a proposta do acampamento no projeto político pedagógico da escola, com a socialização para toda a equipe.

Deste modo, espero que estes escritos possam servir para posteridade como registro de uma ação pedagógica que está sendo desenvolvida e sirva como instrumento

de sistematização da experiência do acampamento *Juruá Make de lhé* como uma metodologia de educação contextualizada em um espaço escolar indígena.

Referências

ALAGOAS. Resolução Normativa nº 040/2014 – CEE/AL. **Dispõe sobre a regulamentação da oferta de Educação do Campo no Sistema Estadual de Educação de Alagoas e dá outras providências correlatas:** Alagoas, AL, 11 de dezembro de 2014.

ARROYO, Miguel Gonzáles; FERNANDES, Bernardo Mançano. **Educação básica e o movimento social do campo.** Brasília: Articulação Nacional por uma educação básica do campo, 1999. Coleção Por uma Educação Básica do Campo. N°02.

BRASIL, Resolução CNE/CEB 1, de 3 de abril de 2002. **Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo.** Conselho nacional de educação câmara de educação básica. Brasília, 9 de abril de 2002.

BRASIL. Parecer do Conselho Nacional de Educação – CNE nº 14/99. **Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Escolar Indígena:** Brasília – DF, 14 de setembro de 1999.

69 **“LÁ VEM A BARRA DO DIA”: UMA VIVÊNCIA NO ACAMPAMENTO JURUÁ MAKE DE LHÉ EM UMA ESCOLA INDÍGENA DE ALAGOAS**

FALKEMBACH, Elza Maria Fonseca. Sistematização. Juntando cacos, construindo vitrais. In: SECRETARIA Nacional de Formação. **O que é sistematização? Uma pergunta diversa respostas**. São Paulo: Gerage Digital. 2000. P.15-27.

FERREIRA, Gilberto Geraldo. **Educação formal para os índios: as escolas do Serviço de Proteção aos Índios (SPI) nos postos indígenas de Alagoas (1940-1967)**. 2016. Tese (Doutorado) –Universidade Federal de Pernambuco, CFCH, Programa de Pós-Graduação em História. 2016.

FILHO, Marco Antonio Vivolo. **Aspectos Históricos e Importância Social**. 2003. Monografia (pós-graduação) Universidade de São Paulo – USP, MBA – Economia do Turismo: São Paulo, 2003.

MORAN, José. **Metodologias ativas para uma aprendizagem mais profunda**. Coleção Mídias Contemporâneas, 2018. Disponível em https://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2013/12/metodologias_moran1.pdf, Acesso em: 20/08/2022.

SCHNEKENBERG, Guilherme Fernando.; OLIVEIRA, Guilherme Saramago.; JUNIOR, Eduardo Brandão Lima. **A prática etnográfica na pesquisa educacional**: apontamentos primordiais da relação entre educação e antropologia. Cadernos da Fucamp, Uberlândia, v.20, n.44, p.16-35/2021.

SOARES, B. S.; PEIXOTO, J. A. L. **Cara de índio: diferentes visões sobre os Xukuru- Kariri em palmeira dos índios**. Revext: Revista de Extensão da Universidade Estadual de Alagoas - UNEAL, v. vol. 03, p. 280-293, 2017.

Recebido em: 17/05/2023

Aprovado em: 10/04/2024

Publicado em: 01/08/2024